

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i20.38695>

Artigo recebido em: 29/06/2021

Artigo aprovado em: 20/12/2021

Artigo publicado em: 06/01/2022

## A LITERATURA COMO LABORATÓRIO

a crítica literária de Benjamin e suas correspondências nos ensaios de Adorno e Schwarz

## LITERATURE AS A LABORATORY

Benjamin's literary criticism and its correspondences in Adorno's and Schwarz's essays

Wanderson Barbosa dos Santos<sup>1</sup>

([wanderson\\_santos@outlook.com](mailto:wanderson_santos@outlook.com))

95

**Resumo:** O objetivo do artigo é apresentar o programa epistemológico de crítica literária de Walter Benjamin e suas correspondências nas obras de Theodor W. Adorno e Roberto Schwarz. Como um programa de crítica epistemológica, a proposta de crítica literária benjaminiana visa a reabilitar os atributos do texto literário como fonte para reflexão estética e histórico-social. Tal perspectiva de crítica literária tem como princípio os conceitos de constelação e fragmentos. Na obra de Adorno, a crítica literária se entrelaça à forma ensaio para consolidar uma ideia de estilo filosófico que contempla a condição fragmentária do conhecimento. Nos ensaios de Schwarz, a crítica literária persegue os aspectos das contradições da formação histórico-social brasileira a partir de um exame das interações da ideologia com a forma literária. Propomos por fim uma linhagem intelectual de críticos literários empenhados no exame das contradições da modernidade e das interações entre estética e história social.

**Palavras-chave:** Crítica Literária. Benjamin. Adorno. Schwarz. Constelação.

**Abstract:** The aim of this article is to present Walter Benjamin's epistemological program of literary criticism and its correspondences in the works of Theodor W. Adorno and Roberto Schwarz. As an epistemological critique program, the Benjaminian literary criticism proposal aims to rehabilitate the attributes of the literary text as a source for aesthetic and social-historical reflection. Such a perspective of literary criticism has as its principle the concepts of constellation and fragments. In Adorno's work, literary criticism is intertwined with the essay form to consolidate an idea of a philosophical style that contemplates the fragmentary condition of knowledge. In Schwarz's essays, literary criticism pursues aspects of the contradictions of Brazilian social-historical formation from an examination of the interactions of ideology with literary form. Finally, we propose an intellectual lineage of literary critics committed to examining the contradictions of modernity and the interactions between aesthetics and social history.

**Keywords:** Literary Criticism. Benjamin. Adorno. Schwarz. Constellation.

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6830818998876140>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1084-3557>.



## INTRODUÇÃO

*A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.*

*Imagens do pensamento, Walter Benjamin*

As reflexões que compõem as linhas deste texto se dedicam ao exame da herança de Walter Benjamin no que diz respeito a sua proposta de crítica literária. No sentido de uma apresentação de uma linhagem teórica, propomos uma exposição dos princípios de crítica literária de Benjamin e suas correspondências na produção intelectual de Theodor W. Adorno e Roberto Schwarz. A ideia é apresentar o modo como a crítica literária se entrelaça com uma crítica da cultura moderna.

Sobre esse aspecto, interessa-nos a forma como o texto literário foi lido por Benjamin, Adorno e Schwarz na chave da estética e do indício histórico-social. Nos ensaios dos autores, a literatura é elemento de mediação entre cultura e história e, mais do que isso, fornece os rastros para um diagnóstico sociológico da modernidade. Assim, do duplo caráter epistemológico do texto literário, Benjamin ensaia uma crítica literária materialista que se dedica à reflexão histórica sobre constelações nas quais as obras encontram-se inseridas.

O conceito de constelação é de fundamental importância para a forma de crítica dialética de Walter Benjamin.<sup>2</sup> A postura da crítica apreende o texto literário como “laboratório” ou microcosmo de interpretação da sociedade, ao mesmo tempo que se sensibiliza para os aspectos estéticos que compreendem a noção de obra literária. O duplo olhar para a obra de arte se revela no interesse particular de Benjamin para a compreensão dos

<sup>2</sup> Ao longo do artigo, utilizaremos as ideias de constelação e configuração como conceitos correlatos. Ambos os casos se referem a uma forma de interpretação, organização e apresentação de sentidos para a reflexão filosófica, histórica, sociológica e de crítica literária. A constelação permite ao pensador incorporar a experiência histórica ao conjunto de documentos da cultura numa compreensão dialética da modernidade. Do ponto de vista da tradição intelectual que analisamos neste artigo, a ideia de constelação apresenta uma correspondência com a noção de ensaísmo, na medida em que parte do movimento entre a subjetividade do autor em confronto com a cultura de seu tempo. Por fim, a ideia de constelação se mostra fértil ao tipo de pesquisa que visa a reconstituir uma totalidade sócio-histórica, como é o caso de Benjamin, Adorno e Schwarz. O método constelacional se apresenta a partir do exame da relação entre as partes, os fragmentos e as formas de cultura; nesse sentido, se afirma como um modo de pensar crítico de conexão das ideias (SANTOS, 2021). Apresento o debate de forma mais aprofundada no artigo *O todo e as partes – a forma ensaio e seu significado sociológico no pensamento de Georg Simmel e Walter Benjamin*.



contornos fisionômicos modernos, assim como das formas literárias e de seu significado estético.

Ao olharmos para a produção intelectual de Walter Benjamin, notamos uma contínua dedicação do autor aos temas relacionados ao mundo literário. Em carta para Theodor W. Adorno em 1930, ele reconhece seu intuito de se tornar um crítico literário. Mas, ao mesmo tempo que via sua produção orientada para a crítica literária, ele percebia também a necessidade de uma reabilitação da noção de crítica. Mesmo em textos anteriores à carta de 1930, como *Origem do drama trágico alemão*, de 1925, uma forma de crítica nasce na forma de uma teoria crítica do conhecimento:

O objetivo é que eu seja considerado o principal crítico da literatura alemã. O problema é que a crítica literária não é mais considerada um gênero sério na Alemanha e não existe há mais de cinquenta anos. Se você quer conquistar uma reputação na área do criticismo, isso ultimamente significa que você deve recriar o criticismo como um gênero. Outros têm feito sérios progressos fazendo isso, mas especialmente eu. Esta é a situação. (BENJAMIN, 1994, p. 15, tradução nossa)

97

No mesmo período, o ensaio de Benjamin intitulado *As afinidades eletivas de Goethe* (1924-1925) reúne outro conjunto de características da crítica literária do autor. Na década seguinte, a dedicação à literatura foi a marca da produção benjaminiana. As notas que compõem o trabalho das *Passagens* são repletas de inspirações oriundas da literatura que abrem caminhos para a construção da história da modernidade de Benjamin. Os ensaios *O narrador*, de 1936, e *Paris do Segundo Império*, de 1938, são também de importância decisiva para a exposição de uma crítica literária que congrega tanto a valorização estética da literatura quanto a importância epistemológica como forma de compreensão histórico-social.

Tendo em vista os objetivos propostos para refletir sobre o papel da herança de Benjamin na configuração de uma crítica literária, indicamos ressonâncias conceituais do autor em escritos posteriores, como de Theodor W. Adorno e Roberto Schwarz. Destacamos ao longo do artigo o papel epistemológico do conceito de constelação e o aspecto ontológico da obra literária na crítica dialética. Quanto a Adorno, pensaremos a partir de suas formulações a respeito dos caminhos entre literatura e crítica no texto *O ensaio como forma* (1954-1958). O ensaísmo reúne os aspectos da crítica literária benjaminiana ao congregar numa forma que transita entre arte e literatura os estímulos para a montagem de constelações da cultura. Adorno sugere em tal perspectiva um tipo de pensamento que se desenvolve a partir dos fragmentos. Sobre a obra de Roberto Schwarz,



propomos situá-la na herança crítica de Benjamin e Adorno. A ideia é apontar como seus escritos se aproximam dos princípios da crítica literária benjaminiana, porém atualizando tais fontes a partir do exame contemporâneo das contradições da formação histórico-social do Brasil. O movimento interpretativo, portanto, mostra como, a partir do ponto de partida do conceito de constelação, Schwarz renova a crítica literária dialética em seus exames sobre a experiência brasileira da modernidade.

Ao falarmos sobre crítica literária nos referimos à concepção marxista conforme apresentada por Fredric Jameson (1985) no livro *Marxismo e forma*. Dedicado ao aprofundamento da crítica literária, Jameson sublinha que o estudo das obras de arte encontra-se no âmago do processo dialético no qual Hegel, Marx, Adorno e Benjamin estão inseridos. A literatura, segundo o autor, assume os contornos de um microcosmo privilegiado para a compreensão da relação entre estrutura e superestrutura e contribui para a realização de um apurado e renovado diagnóstico do tempo. Nessa linhagem da crítica literária dialética, Jameson destaca como Adorno e Benjamin despertaram a crítica de arte para características constituintes da modernidade tardia.

No sentido de uma crítica da cultura moderna, Jameson (1985) destaca que Adorno combina a crítica literária com a sociologia para compreender as relações entre a obra de arte e a realidade social. Seu método dialético, portanto, parte da tensão inicial do cultural e do econômico para propor uma estrutura comparativa numa ideia de universo fragmentado, a partir da qual se dedica à apresentação de uma rede de relações internas do objeto. Os ensaios sobre literatura de Adorno são escritos nesse espírito dialético.

Sobre Benjamin, Jameson (1985) sublinha a perícia de sua crítica literária dialética, sobretudo sua capacidade teórica para congregar passado e presente numa crítica cultural. Para ele, a escrita benjaminiana coloca a experiência no limiar entre apresentação do fragmento e visada totalizante. Sobre a questão da totalidade, acompanhamos Jameson (1985) na ideia de que o modelo de crítica literária desses autores visa a uma apresentação da totalidade. Naturalmente, a concepção de totalidade não diz respeito a uma finalização da reflexão, muito menos a uma sistematização fechada.

No plano da crítica literária a que nos dedicamos, a totalidade tem um sentido de dinamismo, na medida em que se dedica a uma exposição dos fragmentos em uma rede em movimento. De posse desse método, a crítica literária dialética propõe uma visada estética e sociológica para a apreensão do concreto num sentido de justaposição entre interior e exterior:



Pois a apreensão do concreto, o gesto característico de uma crítica literária genuinamente marxista, ocorre no domínio sincrônico e é nesse ponto que o problema da distinção entre a operação conceitual marxista e a da crítica sociológica em geral se coloca da mais maneira mais aguda. Pois o enfoque sociológico implica também a justaposição de um dado fato literário ou cultural a alguma “base” mais fundamental nas realidades de uma sociedade ou cultura; e, também como o pensamento marxista, a sociologia frequentemente se expressa em termos de grupos ou classes sociais. (JAMESON, 1985, p. 286)

É a partir da concepção de crítica literária dialética apresentada mais acima que seguimos com a reflexão deste artigo. Evidentemente, há autonomia teórica entre os autores. Cada um à sua forma confere aspectos singularidades à sua crítica literária dialética. No entanto, há também entre eles correspondências encontradas em conceitos como os de constelação, fragmento e totalidade. Sobre isso, para nosso argumento, vale apontar tais identificações e como elas se articulam no procedimento de crítica literária dialética. Dito isto, no escopo deste artigo propomos uma apresentação das diversas questões que permeiam as críticas literárias dos autores, ressaltando o aspecto da crítica literária dialética como pano de fundo para suas interpretações sobre a modernidade e as relações sociais no capitalismo.

99

## 1 MICROCOSMOS LITERÁRIOS E CONFIGURAÇÕES SOCIOLÓGICAS

A dedicação de Walter Benjamin no que diz respeito à temática literária pode ser mapeada desde a produção de seus escritos de juventude. Com mediação pela literatura, Benjamin desenvolve em diversos escritos os pressupostos para a atividade da crítica. Como veremos, o autor parte do diagnóstico da necessidade moderna de reabilitação do conceito de crítica. Em seu panorama reflexivo, podemos sinalizar sua tese de doutorado *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, de 1917-1919, como passo inicial para a formação de um ideal de crítica. Em sua tese de doutoramento, Benjamin apresenta o argumento da transformação dos conceitos de crítica de arte na perspectiva da história filosófica do tema. Importava para o autor o mapeamento das diversas ideias de crítica presentes no romantismo; por exemplo, na obra de Friedrich Schlegel e Novalis.

Para Benjamin (1999), o conceito de crítica está entrelaçado com uma teoria do conhecimento, na medida em que a crítica se afirma como *medium-de-reflexão* da própria obra de arte. Para além do aspecto do julgamento, a crítica no



romantismo se propõe como “acabamento” ou “complemento” para a arte, visto que o ideal romântico pressupunha uma “unidade” entre a arte e as formas da crítica. A crítica no romantismo assume os contornos de um “autojulgamento” da obra de arte, pois crítica e obra estavam conformadas artisticamente.

Dessa concepção romântica de crítica, importa para nosso argumento a forma embrionária que Benjamin reflete sobre a relação entre fragmento e totalidade. Num comentário breve sobre Nietzsche e Schlegel, Benjamin alia a questão do fragmento à possibilidade de fundação futura de um sistema:

O fato de um autor expressar-se em aforismos não poderá, hoje, fazer-se valer a alguém como uma prova contra sua intenção sistemática. Nietzsche, por exemplo, escreveu aforisticamente, com isso mostrando-se opositor do sistema, não obstante elaborou sua filosofia de maneira englobadora e uniforme segundo ideias e diretrizes e, finalmente, começou a escrever seu sistema. Schlegel, pelo contrário, nunca nem mesmo simplesmente se reconheceu um opositor dos sistemáticos. Por mais cínico que possa parecer, é significativo que ele, na maturidade, também segundo suas próprias palavras, nunca foi um cético. (BENJAMIN, 1999 [1917-1919], pp. 50-51)

100

Em *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* existe uma ideia de que as composições da totalidade são montadas a partir de fragmentos que se unem de forma orgânica na fundação do sistema. Os fragmentos se apresentariam de modo a se conformarem uns aos outros. Esse ideal de fragmentação e totalidade orgânica pressupõe uma unidade anterior à filosofia. Naquele texto a unidade ainda é vista como sistemática, visto que suas partes se congregam de forma orgânica umas às outras. Destacamos esse aspecto no texto de doutoramento de Benjamin pois ele se altera radicalmente no argumento de *Origem do drama trágico alemão*. Para explicarmos a transformação do argumento, podemos pensar em duas imagens. No argumento de *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, a totalidade se assemelha a um quebra-cabeça, na medida em que cada parte se conecta organicamente uma a outra. No texto de 1925 sobre o *Trauerspiel* o argumento se transforma, tendo em vista que a totalidade pode ser vista na imagem de um mosaico que se configura a partir de peças disruptivas, ou seja, na montagem da totalidade a partir de elementos descontínuos.

No texto de 1925, Benjamin se opõe radicalmente ao conceito de sistema. Para ele, a ciência moderna, ao se basear na concepção do sistema cartesiano, se realiza a partir da mutilação dos objetos e da primazia da operação matemática como elemento de verdade. Nesse processo, Benjamin observa o progressivo





afastamento da intenção de busca pela verdade filosófica, já que o objeto do conhecimento na ciência moderna passa a ser analisado somente por sua imagem particularizada. Na representação da ciência moderna, o sistema fechado impõe uma lógica excessivamente dedutiva para a construção do conhecimento sobre o objeto.

O texto de Benjamin (2016 [1925]) pode ser lido na chave de uma crítica ao positivismo e também como uma proposta de teoria do conhecimento. No entanto, interessamos para a forma da crítica literária do autor situar o ponto de passagem da noção de fragmento como forma crítica de conhecimento. O conceito-chave para Benjamin é o do mosaico que se forma a partir de uma fragmentação e da singularidade das partes. Ao contrário da forma como a noção de aforismo se apresenta num devir para o sistema, como indicado na tese sobre a crítica de arte no romantismo, no livro sobre a *Origem do drama trágico alemão* o fragmento congrega características de uma exposição particular que é independente de uma realização no sistema. O mosaico é decisivo para uma compreensão da realidade do objeto em sua dinâmica disruptiva e descontínua:

Método é caminho não direto. A apresentação como caminho não direto: é esse o caráter metodológico do tratado. A sua primeira característica é a renúncia ao percurso ininterrupto da intenção. O pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa. Este infatigável movimento de respiração é o modo de ser específico da contemplação. De fato, seguindo, na observação de um único objeto, os seus vários níveis de sentido, ela recebe daí, quer o impulso para um arranque constantemente renovado, quer a justificação para a intermitência do seu ritmo. E não receia perder o ímpeto, tal como um mosaico não perde a sua majestade pelo fato de ser caprichosamente fragmentado. (BENJAMIN, 2016 [1925], pp. 16-17)

101

A ideia do método como desvio ilumina a composição dos mosaicos filosóficos de Benjamin. O autor reconhece que os fragmentos não se apresentam como peças de uma quebra-cabeça no qual toda parte tem uma correspondência com outra e juntas conformam uma imagem. Ao contrário do sistema, o ensaio filosófico contempla fragmentos descontínuos, intermitentes e disruptivos e os reúne numa configuração.

O valor dos fragmentos de pensamento e uma concepção de totalidade disruptiva no pensamento de Walter Benjamin são fundamentais para sua ideia de crítica literária. A literatura assume os contornos de um fragmento descontínuo ao qual Benjamin incorpora essa característica para apresentar suas visadas estéticas e histórico-sociais sobre a modernidade. Da essência descontínua da literatura, portanto, a postura do crítico



literário deve ser a de apresentação dos movimentos das ideias, isto é, o de mediador de conceitos, o que Benjamin sintetiza como a postura do intelectual que busca expor um conjunto de conceitos nas configurações das ideias (BENJAMIN, 2016 [1925], p. 22):

As ideias são constelações eternas, e se os elementos se podem conceber como pontos em tais constelações, os fenômenos estão nelas simultaneamente dispersos e salvos. E aqueles elementos, que os conceitos têm por tarefa destacar dos fenômenos, são mais claramente visíveis nos extremos da constelação. A ideia é definível como a configuração daquele nexos em que o único e extremo se encontra com o que lhe é semelhante. (BENJAMIN, 2016 [1925], p. 23)

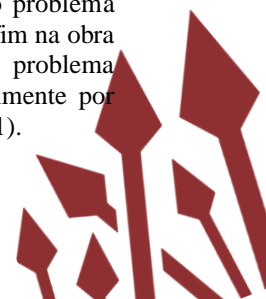
A perspectiva da elaboração de constelações é decisiva para a crítica literária de Benjamin. No ensaio *As afinidades eletivas de Goethe*, o problema da concepção de crítica também é elaborado por Benjamin.<sup>3</sup> Para ele, a crítica visa à compreensão de um conteúdo de verdade da obra: “Assim, o crítico levanta indagações quanto à verdade cuja chama viva continua a arder sobre as pesadas achas do que foi e sobre a leve cinza do vivenciado” (BENJAMIN, 2018 [1924-1925], p. 14).

102

No sentido de uma crítica tradicional, Benjamin interpela o romance de Goethe a partir de uma crítica das formas de vida burguesas, especificamente no que ele observa como o descompasso entre a ideia de civilização e as configurações individuais das personagens. O desejo condiciona os caminhos individuais para um confronto com a cultura. As afinidades eletivas promovem um certo “encantamento” das personagens, que se enxergam numa situação de embaraço frente às normas da cultura burguesa. Para Benjamin, embora tentem não realizar seus desejos, a culpa se afirma como destino da trama: “O ser humano não escapa ao infortúnio que a culpa chama sobre ele. Assim como cada movimento dentro dele provocará culpa, cada um de seus atos haverá de trazer-lhe a desgraça” (BENJAMIN, 2018 [1924-1925], p. 32).

Na forma de uma crítica ao romance de Goethe, Benjamin pontua os aspectos referentes a uma cultura apreendida e mediada pela esfera literária. Ele mesmo argumenta que essa “criação literária lança luz” sobre aspectos da vida, resgatados na forma da crítica. O olhar do crítico literário mantém vigilante um duplo olhar: para a arte, isto é, um olhar

<sup>3</sup> Uma formulação do conceito de crítica aparece nas etapas conclusivas do ensaio sobre Goethe; diz Benjamin: “Não é, porém, numa multiplicidade de problemas que aparece o ideal do problema. Ele se encontra enterrado antes naquela multiplicidade das obras, e sua extração é tarefa da crítica. Esta permite ao ideal do problema aparecer na obra de arte, em uma de suas manifestações sensíveis. Pois o que a crítica demonstra por fim na obra de arte é a possibilidade virtual de formular o seu teor de verdade como sendo o mais elevado problema filosófico. Mas aquilo perante o que a crítica se detém – como por reverência à obra, mas igualmente por respeito à verdade – é justamente essa própria formulação” (BENJAMIN, 2018 [1924-1925], pp. 80-81).





estético, e para a vida, num sentido mais geral dos atributos histórico-culturais da obra. Dois outros ensaios explicitam as visadas estéticas e sociológicas de Benjamin: *O narrador*, de 1936, e *Paris do Segundo Império*, de 1938.

No ensaio *O narrador*, sobre Nikolai Leskov, Benjamin apresenta seu diagnóstico sobre o declínio da narração na modernidade. Para ele, a experiência da transmissão narrativa encontra-se cada vez mais distanciada dos modernos, na medida em que o ato da “troca de experiências” é prejudicado por uma liquidação da existência tanto do personagem do narrador como também do ouvinte. O declínio narrativo na modernidade é prejudicado por uma atrofia da transmissão oral: “A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores” (BENJAMIN, 1980 [1936], p. 58).

Em sua crítica estética, Benjamin observa em paralelo o declínio da narração e a ascensão do romance como partes de um processo constitutivo da modernidade. A narração pressupõe uma transmissibilidade oralizada; o romance, ao contrário, se realiza na solidão do leitor. Como gênero literário, portanto, o romance é indissociável de um momento reservado e de leitura desacompanhada: “O romancista segregou-se. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar” (BENJAMIN, 1980 [1936], p. 60).

Em seu procedimento de crítica literária, Benjamin observa em Leskov um contraponto estético definido como uma “arte artesanal”. A literatura de Leskov assume os contornos de uma narração artesanal, isto é, que ainda resguarda as características da transmissão da experiência oral que se encontra em risco na modernidade. Para Benjamin, Leskov representa tal postura renovada da narração pois congrega em seu texto literário imagens espirituais expostas em sua narrativa tradicional:

Esta arte artesanal, a narração, o próprio Leskov a sentia, aliás, como um trabalho de artesão. “A arte de escrever”, consta numa de suas cartas, “não é para mim nenhuma arte livre, mas um trabalho de artesão”. Não surpreende que ele se sentisse ligado ao artesanato, mas permanecesse estranho, por outro lado, à técnica industrial. (BENJAMIN, 1980 [1936], p. 63)

No ensaio *O narrador* há, portanto, uma crítica literária atenta ao aspecto estético do texto literário. A literatura é um microcosmo para a apreensão de um diagnóstico do tempo. Como um fragmento, a arte ilumina uma perspectiva da crítica literária benjaminiana que entrelaça a crítica a uma interpretação histórico-social. O texto



literário em suas qualidades artísticas é, portanto, meio central na crítica dialética de Benjamin, na medida em que se afirma como laboratório para a exploração dos sentidos da arte e de seu vínculo com seu tempo histórico. O ensaio *Paris do Segundo Império*, de 1938, pode nos servir de exemplo da forma de operação da crítica dialética benjaminiana no que diz respeito ao seu olhar para os aspectos histórico-sociais.

Em *Paris do Segundo Império*, Benjamin reflete sobre a modernidade industrial capitalista tendo como mediação a poesia de Charles Baudelaire. Seu testemunho literário é, portanto, indício histórico-social para o procedimento de crítica dialética que Benjamin empreende em seus ensaios. A literatura atua como testemunho histórico que contribui com a montagem de uma história benjaminiana nascida do fragmento disruptivo.

O que Benjamin propõe no ensaio de 1938 é uma história da modernidade a contrapelo, fundada a partir de um olhar de crítico de literatura. Essa modernidade a contrapelo tem como personagens os conspiradores, as lutas de classes, as barricadas e a revolução, e por outro lado tipos sociais, como o *flâneur*, o trapeiro [*Lumpensammler*] e o poeta. Na gramática conceitual marxista, Benjamin introduz no seu ensaio uma forma de montagem ensaística que valoriza os fragmentos literários para uma escrita da história sensível aos personagens que não podiam falar por sua época. O poeta, o boêmio e o trapeiro são, portanto, partes constituintes de um mosaico da modernidade capitalista industrial apresentado na crítica literária de Benjamin.

Em uma breve passagem sobre os testemunhos de Baudelaire, em específico sobre os acontecimentos da Revolução de Julho, diz Benjamin sobre o poeta francês: “Tinha um ouvido para os cantos da revolução e outro para a ‘voz superior’ que fala através do rufar dos tambores das execuções” (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 22). A literatura possui esse aspecto testemunhal na crítica literária benjaminiana. No sentido de uma visada sociológica, a literatura também se apresenta como forma de observação da história; por exemplo, quando destaca o *flâneur* como personagem literário que expõe a “botânica do asfalto”, Benjamin sugere um tipo de descrição fisionômica determinante para a reconstrução de uma história a partir do fragmento.

Os microcosmos literários como os de Baudelaire são os fragmentos que compõem a constelação de Benjamin. Ele está imerso em seu procedimento de análise literária do autor que visa a observar na minúcia uma chave para a compreensão histórico-social. Sobre o



aspecto micro do fragmento, uma passagem de Benjamin no ensaio *Paris do Segundo Império* ilustra o ponto. Benjamin se refere ao “mundo em miniatura” que as passagens de Paris revelam e do qual o *flâneur* é o observador por excelência:

Nesse mundo o *flâneur* está em casa; é graças a ele que “essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis, encontra seu cronista e seu filósofo”. (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 35)

Numa descrição do *flâneur* como um andarilho que acumula as experiências históricas, diz Benjamin:

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas onde, após o trabalho, observa o ambiente. (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 35)

105

A crítica literária de Benjamin, portanto, como também um método de montagem da história, é uma crítica a contrapelo da modernidade e retoma os conteúdos críticos da literatura como uma forma de apreensão do concreto. Nesse sentido, a concepção de modernidade que Benjamin ensaia a partir de Baudelaire congrega um momento de negatividade, na medida em que o poeta descreve as hostilidades e as tensões da modernidade industrial capitalista: “Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico” (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 78).

Há, portanto, nos ensaios de crítica literária de Benjamin uma proposição dupla de investigação literária: por um lado ela é estética e, por outro, também se dedica à decodificação dos indícios histórico-sociais das obras. Pensamos esse olhar bifronte da crítica de Benjamin como procedimento dinâmico de entrelaçamento da visão estética e da sociológica. Num sentido mais amplo, a perspectiva da crítica literária do autor, tal como o seu conceito de história, se dirige para um olhar a contrapelo, em específico quando elege o ponto de vista de personagens marginalizados pela modernidade industrial capitalista para narrar a história. Por exemplo, no ensaio *Paris do Segundo Império*, Benjamin indica sua inclinação para esse herói marginal da modernidade: “Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico” (BENJAMIN, 1989



[1938], p. 78). Em outra passagem igualmente significativa a respeito da forma da crítica literária benjaminiana, o autor congrega um olhar histórico sobre o moderno a partir de uma configuração de heróis da modernidade:

*Flâneur, Apache, Dândi e trapeiro, não passavam de papéis entre outros. Pois o herói moderno não é herói – apenas apresenta o papel do herói. A modernidade heroica se revela como uma tragédia onde o papel do herói está disponível. (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 79)*

Em sua teoria e crítica literária, Benjamin apreende os testemunhos marginais e fragmentários sobre as constelações modernas e situa suas contradições no que chama, no ensaio de Baudelaire, de “fatalidade” e também de “tragédia”: “A modernidade se revela como sua fatalidade. Nela o herói não cabe; ela não tem emprego algum para esse tipo” (BENJAMIN, 1989 [1938], p. 93).

E assim chegamos à primeira conclusão geral deste artigo: a crítica literária de Walter Benjamin trabalha num sentido bifronte que é tanto estético como histórico-social; o autor propõe uma crítica empática ao caráter disruptivo dos fragmentos literários como peças para a composição de uma constelação histórica. A literatura assume no pensamento de Benjamin, portanto, um espaço privilegiado, na medida em que ela é mediação para a apreensão do concreto, tal como meio para a compreensão das contradições da modernidade. No sentido de uma teoria da modernidade, a crítica literária de Benjamin se apresenta a contrapelo da visão progressista sobre o moderno. Benjamin elege nos personagens marginais da literatura os testemunhos para uma crítica antiprogressista e, nesse sentido, uma exposição das contradições da modernidade capitalista.

### **1.1 A correspondência da crítica literária de Walter Benjamin em Theodor W. Adorno**

Propomos refletir a respeito de uma correspondência entre a ideia de crítica literária benjaminiana e sua ressonância na obra de Theodor W. Adorno. Para isso, desenhamos os argumentos tomando o texto *O ensaio como forma*. Naturalmente, não ignoramos o debate crítico entre os autores. A análise epistolar do diálogo intelectual ao longo da década de 1930 mostra um Adorno decisivamente crítico da produção intelectual de Benjamin. Na atuação de um colaborador da revista do Instituto de Pesquisa Social, Benjamin enviou uma série de ensaios que foram lidos por Adorno e Horkheimer. A



correspondência intelectual dos autores aponta para os atritos, mas também para o diálogo vivo entre Benjamin e Adorno. A partir do reconhecimento desse amplo diálogo, não nos dedicaremos ao debate epistolar da década de 1930. As questões que atravessam a disputa entre Adorno e Benjamin, por sua amplitude, escapam dos limites de um artigo. No entanto, buscamos assinalar uma ressonância entre os pensadores, sobretudo em escritos posteriores, como o já mencionado *O ensaio como forma*.

Os diálogos entre Benjamin e Adorno versam, entre outros muitos temas, a respeito da possível influência brechtiana na produção de Benjamin (o temor adorniano de uma vulgarização do marxismo) e sobre a categoria de mediação como aspecto fundamental da crítica para a compreensão da relação entre teoria e sociedade. O segundo aspecto é, para nós, de maior relevância, uma vez que a crítica ao caráter imediatista da reflexão benjaminiana se dilui em ensaios de Adorno das décadas seguintes. Sobre o debate de 1930, é importante destacar, por fim, que a discussão em torno da dialética foi de suma relevância para os anos de formação de Adorno, sobretudo no que tange à apropriação dialética dos fenômenos da modernidade capitalista, aspecto central dos diálogos com Benjamin (SANTOS, 2018).

107

Nos ensaios das décadas de 1950 e 1960, Adorno faz referência aos aspectos fundantes dos ensaios benjaminianos. Dos diversos tributos intelectuais de Adorno dedicados a Benjamin, chama a atenção a recuperação dos escritos do autor nas disputas contra o positivismo. A proposição benjaminiana de uma constelação, a proposta de ensaísmo e a dedicação ao fragmento congregam uma crítica teórica à imposição positivista do sistema.<sup>4</sup> Em outro exemplo, Adorno retoma do livro *Origem do drama trágico alemão* de Benjamin a crítica ao sistema cartesiano e a desenvolve no sentido de uma postura intelectual da teoria crítica da sociedade. Evidentemente, os exemplos mostram alguns momentos de convergência. Especificaremos a correspondência dos diálogos entre os autores na proposta de crítica literária dialética.

---

<sup>4</sup> A referência é o ensaio *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã*, de Adorno. No texto, Adorno defende a dialética contra a tentativa de imposição de uma lógica cientificista e de uma idealização matemática como normatividade. Numa passagem bastante elucidativa do ensaio, Adorno chama atenção ao aspecto das micrologias da dialética benjaminiana: “O modo dialético de encarar a sociedade considera mais a micrologia do que faz o positivista, que, apesar de *in abstracto* atribuir ao ente singular o primado sobre seu conceito, no seu modo de proceder passa rapidamente por isto munido de uma pressa atemporal, tal como a realizada nos computadores. Porque o fenômeno singular encerra em si toda a sociedade, a micrologia e a mediação constituem contrapontos mútuos através da totalidade. Uma contribuição sobre o conflito social contemporâneo pretendia esclarecer isto; a antiga controvérsia com Benjamin acerca da interpretação dialética de fenômenos sociais movimentava-se em torno da mesma questão: o tratamento fisionômico de Benjamin era criticado como excessivamente imediato, desprovido de reflexão sobre a mediação social global” (ADORNO, 1980, p. 237).



A ideia de ensaio proposta por Adorno destaca o desenho de uma forma de exposição que nasce do encontro fértil com a arte e a literatura. O ensaio é meio de apresentação, especulação e interpretação da cultura. Para Adorno, exemplos desses tipos de escritores são Georg Simmel, o jovem Lukács e Walter Benjamin. Ao ensaísta cabe, portanto, “dar voz ao conjunto de elementos do objeto” (ADORNO, 2012 [1954-1958], p. 35). O ensaísmo é também crítico das concepções sistemáticas do conhecimento, na medida em que se dedica de forma livre à interpretação dos movimentos do objeto do conhecimento.

De sua apresentação como estilo assistemático, o ensaísta se dedica a uma visada do objeto que se apresenta de forma transitória, como fragmento. Adorno faz referência à ideia de configuração como molde flexível de reunião dos fragmentos na reflexão. Desse modo, o autor reconhece o ensaio como um meio de montagem da reunião de fragmentos de pensamento e, de forma semelhante à proposta de Benjamin, sustenta a condição disruptiva e descontínua das partes na configuração: “A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso” (ADORNO, 2012 [1954-1958], p. 35).

Na linhagem intelectual da dialética hegeliana, Adorno advoga por um ensaísmo como mediação: “Por isso, o ensaio é mais dialético do que a própria dialética, quando esta discorre sobre si mesma” (ADORNO, 2012 [1954-1958], p. 39). Como forma e mediação das experiências conceituais, o ensaio pretende coordenar os objetos em seus próprios movimentos sem subordiná-los ou encaixá-los numa lógica sistêmica. Vale para essa forma a exposição dos fragmentos em suas condições singulares: “O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la” (ADORNO, 2012 [1954-1958], p. 30).

Sobre o aspecto fragmentário e parcial do ensaio em Adorno, Jameson (1985) contribui ao aproximá-lo com uma forma de exposição dialética:

Tais ensaios são, portanto, fragmentos ou notas de rodapé de uma totalidade que nunca chega a se constituir; e o que os une, sou tentado a dizer, é menos seu conteúdo temático do que, de um lado, seu estilo (como um presente perpétuo no curso do processo do próprio pensamento dialético) e, de outro, suas coordenadas intelectuais básicas. (JAMESON, 1985, pp. 46-47)

Os ensaios adornianos se inserem, portanto, na perspectiva mais ampla de seus exercícios de crítica literária. Os fragmentos e as apresentações parciais do objeto, quando visto sob o prisma da literatura, levam Adorno à concretização de uma crítica literária dialética. O ensaio se apresenta como a forma para a crítica literária do





autor, que, na mesma linhagem de pensamento de Benjamin, dirige-se a uma crítica que visa a apreender o concreto a partir das suas tensões constituintes. Da mesma maneira que a ideia de crítica literária dialética, o ensaio se apresenta como a forma de construção de relações internas dos fragmentos do objeto.

No ensaio *Posição do narrador no romance contemporâneo*, presente nas *Notas de literatura I*, podemos observar um exemplo da crítica literária adorniana. Nesse texto, de 1954, Adorno propõe uma interpretação que justapõe literatura e realidade social, ou seja, a cultura é ponto de partida para uma apreensão mais ampla da experiência histórica. Seu diagnóstico se aproxima da tese benjaminiana a respeito do declínio da possibilidade de narração na modernidade; no entanto, Adorno desenvolve a questão mediante a ideia da diluição do papel da literatura na contemporaneidade. Na sua perspectiva, o próprio romance encontra-se em ameaça, na medida em que a indústria cultural restringe seus meios de apresentação linguística, substituindo sua tarefa fundamental a partir da imposição de novidades como o cinema.

Adorno (2012 [1954]) argumenta que a sociedade administrada impõe um tipo específico de apropriação capitalista da arte que a constrange tanto em seu aspecto criativo como em sua forma. A alienação no capitalismo tardio avança como um meio estético que abraça também a literatura. Como contraponto, Adorno aposta no cânone clássico do romance literário. Marcel Proust e Gustave Flaubert figuram como autores que trabalham numa estética mais tradicional de narração literária. Diz Adorno sobre Flaubert: “O narrador ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece, como se estivesse presente em carne e osso” (ADORNO, 2012 [1954], p. 60).

No diagnóstico da sociedade administrada, a literatura assume, portanto, papel decisivo na crítica literária de Adorno ao se afirmar como microcosmo reflexivo. Seu ensaísmo é meio de reunião entre os fragmentos da arte e da literatura numa investigação a respeito dos sintomas da sociedade. Isso é possível na medida em que o ensaio é a forma de trânsito e de montagem das constelações. Como vimos, Adorno sugere o ensaísmo como proposição teórica à composição de fragmentos e de seus sentidos para um ordenamento total. Na chave de uma aproximação com os escritos de Benjamin, vimos como o ensaísmo pode ser moldado a partir de uma perspectiva da crítica literária dialética. Nos escritos que analisamos, Adorno reconhece os tributos para a perspectiva benjaminiana de crítica literária,



especificamente em seus aspectos da crítica ao sistema, do olhar sensível aos fragmentos singulares e descontínuos, da ideia de constelação e da perspectiva da literatura como mediação para a justaposição entre estética e realidade social.

## 1.2 A correspondência da crítica literária de Walter Benjamin em Roberto Schwarz

Roberto Schwarz, ensaísta e crítico literário, é um dos grandes representantes da teoria crítica no Brasil. Direcionou seus estudos de literatura num sentido particularmente original de investigação das contradições sociais que são constituintes da formação brasileira. É na chave da interpretação das contradições históricas e sociais do Brasil que a literatura de Machado de Assis assume os contornos de testemunha privilegiada para a interpretação de crítica dialética de Schwarz. Para situar o autor na herança de Walter Benjamin, tal como da teoria crítica, comecemos a refletir a partir de uma citação encontrada no ensaio *Adequação nacional e originalidade crítica*, ao discutir a crítica materialista e a relação entre obra literária e estrutura histórica:

110

Repitamos que o objetivo desse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura a outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formam. Estamos na linha estereoscópica de Walter Benjamin com a sua acuidade, por exemplo, para a importância do mecanismo de mercado para a compleição da poesia de Baudelaire. (SCHWARZ, 1999, p. 28)

A mencionada perspectiva estereoscópica de Walter Benjamin diz respeito à possibilidade de obtenção de imagens históricas a partir do exame literário. Para Schwarz, a crítica literária reúne nessa linha da perspectiva de Benjamin a vantagem de dar um salto qualitativo no ato crítico, na medida em que introduz as testemunhas literárias a uma interpretação via cultura das estruturas históricas.

A crítica materialista para Schwarz (1999), portanto, parte do trânsito entre análise estética e reflexão histórico-social para apontar as contradições e correspondências entre tais estruturas. Vida social e literatura são vistas em seu “parentesco histórico”, embora sejam “estruturas díspares”. Na síntese de Schwarz, a tarefa principal dessa crítica é interpretar as “configurações engendradas” de forma dinâmica no tecido literário e histórico (SCHWARZ, 1999, p. 28).

Ainda sobre a citação anterior, Silvia L. Lopez (2007), em artigo sobre o autor, ressalta a questão da herança da teoria crítica nos ensaios de Roberto



Schwarz. Para ela, os princípios da teoria estética de Adorno aparecem sobretudo na forma de decodificação da obra de arte em suas correspondências com a realidade histórica e o papel do desvelamento das contradições a partir do método da teoria crítica. Por outro lado, Lopez sublinha a influência de Benjamin e Adorno, especificamente no conceito de constelação e no modo como Schwarz efetiva um modo de apreensão que ilumina a interpretação interna das obras literárias. No que diz respeito à recepção da teoria crítica frankfurtiana na obra de Schwarz, Miceli (2007) argumenta numa perspectiva de reconfiguração metodológica de conceitos como o de ensaio. Para Miceli (2007), Schwarz apresenta uma originalidade ao combinar uma concepção de obra de arte e uma análise internalista que contrapõe os objetos em comparação quando os investiga.

Inseridos nessa linhagem intelectual, movimentando-se no terreno fértil da crítica estética de Adorno e na perspectiva constelacional de Benjamin, os ensaios de Schwarz apresentam uma visão renovada da crítica literária dialética. Se Benjamin encontrou em Baudelaire as chaves para uma crítica à modernidade industrial capitalista, Schwarz arranja tal postura crítica mediada pela literatura de Machado de Assis.

111

No ensaio *As ideias fora do lugar*, Schwarz (2000) propõe uma crítica literária dialética atenta aos aspectos contraditórios da formação histórica brasileira. Aliando em seu exame a economia política (no sentido marxista), como síntese da estrutura ideológica, e a forma literária, o autor expõe as configurações de contradições do capitalismo no Brasil. Machado de Assis, como testemunha literária, desvela as dissonâncias do discurso ideológico do liberalismo e sua convivência esquisita num país que utilizava mão de obra escrava. São ideias incompatíveis e que revelam um aspecto “enviesado” da ideologia liberal no raciocínio das elites brasileiras.

O descompasso das ideias do Brasil, quando comparadas ao uso Europeu, para Schwarz representa uma necessidade de acompanhamento do movimento das ideias e uma contemplação de seus momentos de diferença e distância relacionados ao conceito e a seu momento de “origem”:

Em resumo, as ideias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis. Foram postas numa constelação prática, a qual formou sistema e não deixaria de afetá-las. Por isso, pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira. Vimos o Brasil, bastião da escravatura envergonhado diante delas – as ideias mais adiantadas do planeta, ou quase, pois o socialismo já vinha à ordem do dia – e rancoroso, pois não serviam para nada. Mas eram adotadas



também com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e distinção. (SCHWARZ, 2000, p. 26)

Portanto, o aspecto ideológico do liberalismo, visto por Schwarz em sua constelação histórica, incorpora no sentido dialético seus momentos de “falsidade” e “verdade” como elementos constituintes da experiência moderna brasileira. Há nesse balanço interpretativo uma originalidade e renovação da crítica literária dialética brasileira. Schwarz, ao mobilizar a reflexão estética e o exame histórico-social, se coloca na linhagem de pensadores como Benjamin e Adorno e dos sentidos críticos para o estudo literário. Além disso, os ensaios de Schwarz são de suma importância para um diagnóstico dos sentimentos de inautenticidade encontrados em nossa formação histórica e literária. Em *Nacional por subtração*, Schwarz (1987) afirma que o “mal-estar da experiência brasileira” liga-se a uma percepção das contradições do país. Há um movimento pendular entre tradição e modernidade muitas vezes disfarçado na ideologia.

112 A argúcia da crítica literária dialética de Schwarz mais uma vez impõe uma nova qualidade interpretativa ao situar o aspecto do mal-estar da experiência social brasileira numa complexa rede de interações do capitalismo global. Ao inserir a reflexão sobre a experiência brasileira no cenário mais amplo das relações capitalistas, Schwarz mostra como as ideias sobre o caráter inautêntico da cultura nacional decorrem de uma visão restrita das relações entre originalidade e cópia. No sentido marxista, o autor aponta a dimensão de ideologia da ilusão de uma relação separada entre original e imitação, para o autor “A ideia da cópia discutida que opõe o nacional ao estrangeiro e o original ao imitado, oposições que são irreais e não permitem ver a parte do estrangeiro no próprio, a parte do imitado no original, e também a parte do original no imitado [...]” (SCHWARZ, 1987, p. 48).

As soluções encontradas por Roberto Schwarz para uma interpretação dialética da estrutura social brasileira contribuíram de forma ímpar para o desenvolvimento da crítica literária brasileira. Na mesma linhagem que Benjamin e Adorno, os escritos de Schwarz operam na fonte conceitual da teoria crítica e se fortalecem a partir das considerações estéticas dos autores, a exemplo de conceitos como o de constelação e da forma da crítica literária dialética. Para além do diálogo entre os autores, há, evidentemente, um amadurecimento do método em Roberto Schwarz. A introdução de dinâmicas globalizadas do capitalismo, a relação entre tradição e modernidade ideológica e as contradições formativas da periferia do capitalismo demonstram não apenas um avanço nas



questões da matriz alemã do procedimento de crítica literária, mas também sua complexificação a partir de outras constelações da experiência.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia central do artigo, apresentada na primeira parte, diz respeito ao apontamento da herança da crítica literária de Walter Benjamin em outros pensadores, como Theodor W. Adorno e Roberto Schwarz. Nos demais passos desta análise, demonstramos as convergências de um método de crítica literária dialética nos ensaios dos demais autores. No entanto, do exame dessa linhagem de pensamento, fica a impressão de que o procedimento da crítica literária dialética não pode ser circunscrito à noção rasa de “influência”. Cada um à sua forma confere um contorno singular em seus ensaios de crítica literária. Por outro lado, parece-nos importante reconhecer também os aspectos comuns que permeiam a longa tradição da crítica literária dialética que aparece em Benjamin e possui correspondências nos escritos de Adorno e Schwarz.

113

No sentido teórico, o conceito de constelação confere uma espécie de molde epistemológico para o exercício de crítica literária. No que diz respeito à dimensão da sensibilidade do crítico, entre os autores há uma convergência no reconhecimento do fragmento como fonte de apreensão estética e da estrutura social, ou seja, uma interpretação fragmentária é corroborada pelo entendimento de que a própria realidade se apresenta dessa maneira, sendo a tarefa do crítico compor os mosaicos a partir da condição fragmentária do real. Derivado do último aspecto, pensamos também no reconhecimento do estatuto ontológico da literatura, isto é, na compreensão de que a literatura é mediação para a interpretação estética e das formas sociais.

Dos aspectos até aqui discutidos, a crítica literária dialética, como método e teoria do conhecimento, se apresenta por um olhar bifronte que é estético e histórico-social. O desenvolvimento da crítica literária nos escritos de Benjamin desvela suas intenções para a reabilitação da crítica na Alemanha, como revela a carta de 1930. Dessa tradição de pensamento, a crítica literária benjaminiana assume um papel central em sua obra e, como sugerimos no artigo, é uma crítica da cultura a contrapelo. Ao eleger os testemunhos literários das figuras marginais da modernidade progressista, Benjamin ensaia suas teses a partir do olhar para os personagens que revelam as contradições ideológicas e



econômicas do capitalismo industrial. Quanto ao aspecto estético, sua crítica literária é igualmente engenhosa, na medida em que apreende da forma literária os sentidos das artes e seu significado para os movimentos artísticos.

Por fim, os debates posteriores ao da produção benjaminiana apontam para o florescimento do método da crítica literária dialética e sua atualização histórica. No caso adorniano, a vinculação da crítica ao estilo ensaístico e a objeção decisiva às tentativas sistemáticas do positivismo conferem à crítica literária dialética os acentos formais como teoria do conhecimento e forma de exposição filosófica. No que diz respeito aos ensaios de Schwarz, a renovação da crítica a partir da periferia do capitalismo sinaliza os potenciais da dialética como forma de apreensão do concreto e, tal como o olhar sensível para as interações entre economia e ideologia, demonstra a relevância da inserção da crítica literária num cenário mais amplo de reflexão a respeito do capitalismo tardio.





## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: *Textos escolhidos: Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ADORNO, T. O ensaio como forma. In: ADORNO, T. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012a [1954-1958].
- ADORNO, T. A posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, T. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012b [1954].
- BENJAMIN, W. O narrador – observações acerca da obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Textos escolhidos: Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 [1936].
- BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989 [1938].
- BENJAMIN, W. [Correspondence. English]. The correspondence of Walter Benjamin, 1910-1940 / edited and annotated by Gershom Scholem and Theodor W. Adorno; translated by Manfred R. Jacobson and Evelyn M. Jacobson, 1994.
- BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999 [1917-1919].
- BENJAMIN, W. Prólogo epistemológico-crítico. In: BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 [1925].
- BENJAMIN, W. As afinidades eletivas de Goethe. In: BENJAMIN, W. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2018 [1924-1925].
- JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma – teorias dialéticas da literatura no século XX*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
- LOPEZ, Silvia L. Olhares periféricos: a teoria estética de Adorno no Brasil. In: CEVASCO, M. E.; OHATA, M. (Orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo – reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LÖWY, Michael; VARIKAS, Eleni. A crítica do progresso em Adorno. *Lua Nova: Revista de Cultura e política*, 72, 1992.
- MICELI, Sergio. O chão e as nuvens: ensaios de Roberto Schwarz. In: CEVASCO, M. E.; OHATA, M. (Orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo – reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- OLANO MORGANTTI SALUSTIANO BOTELHO, L. WALTER BENJAMIN E AS IMAGENS DA HISTÓRIA: possibilidades de uma crítica social a partir da arte. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 104–122, 2012. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v1i1.11485>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- SANTOS, Wanderson Barbosa dos. *O pensamento indisciplinado de Walter Benjamin: teoria crítica, messianismo judaico e o teatro épico nos escritos de 1930 a 1940*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- SANTOS, Wanderson Barbosa dos. O todo e as partes – a forma ensaio e seu significado sociológico no pensamento de Georg Simmel e Walter Benjamin. *Revista Sociologias Plurais*, v. 7, n. 3, pp. 105-126, jul. 2021.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.
- SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social no início do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

